

# O PIB traz boas notícias e impõe agenda nacional

**A**economia brasileira caminha a passos firmes em direção ao crescimento sustentado. Os indicativos colhidos a partir do segundo trimestre ganharam consistência com a consolidação da expansão de 3,48% do Produto Interno Bruto (PIB) nos seis primeiros meses do ano. A indústria de transformação ainda protagoniza esse movimento. Mas a melhor notícia é que a ampliação do comércio de bens e serviços vem ocorrendo de modo contínuo e generalizado em todos os setores e subsetores da economia, com destaque para o comércio e construção civil. A densidade do crescimento é conferida ainda pelo fato de que o PIB vem crescendo, mesmo lentamente, há seis trimestres consecutivos. É possível que o Brasil cresça 4% este ano. Mas o país tem importantes desafios a enfrentar neste segundo semestre e, principalmente, a médio e longo prazo.

Os resultados da economia até dezembro terão de ser bem mais expressivos do que os obtidos até agora, porque a base de comparação, o segundo semestre de 1999, é bem mais elevada, obrigando a taxas de expansão maiores. Alguns gargalos setoriais também poderão representar obstáculos ao crescimento — entre eles, siderurgia, papel/papelão e química — por estarem no limite da capacidade de produção. Há ainda o risco de a energia ser insuficiente para atender à demanda da indústria e ao setor de serviços. Afinal, a expectativa é de que com a trajetória descendente dos juros básicos, o barateamento do crédito e o aumento da confiança do consumidor diante do freio nas taxas de desemprego e a criação de novos postos de trabalho — inclusive com carteira assinada — o consumo aumente, estimulando a economia. E, positivamente, do ponto de vista externo, nada indica turbulências. O Federal Reserve (Fed), banco central americano — que poderia influenciar a queda da Selic, a taxa básica de juros brasileira — está convencido de que o desaquecimento da economia dos Estados Unidos está ocorrendo.

A balança comercial, porém, é uma preocupação. Os investimentos estrangeiros

têm sustentado o déficit em conta corrente, mas seu comportamento é imprevisível. De outro lado, as exportações não têm colaborado para equilibrar essa equação. O mesmo vale para a infra-estrutura nacional, que exige atenção e investimentos capazes de garantir a produção e circulação de bens, mesmo com a privatização de rodovias, ferrovias e portos. Essa é uma questão fundamental para alavancar a produção e integrar o Brasil à economia internacional — cenário em que o país continua muito pouco inserido. Medido pelo total das exportações e importações e dividido pelo PIB, o coeficiente de integração mostra que o Brasil está em posição muito inferior à do Chile e dos países asiáticos. O crescimento econômico tende a aumentar as compras externas até por conta da ligeira sofisticação da pauta de exportações. Mas estas continuam precisando de foco, definição de ações governamentais e de constância nos mercados conquistados.

Estes são alguns dos mais intrincados desafios que o país tem a resolver, ao lado de problemas tão urgentes quanto antigos nas pautas política e econômica do país, como a reforma tributária, cuja definição foi adiada para 2001. Além de onerar a produção e enfraquecer a competitividade, a carga tributária estimula a informalidade, que, em alto grau como a existente por aqui, deprime a taxa de produtividade — fator que afasta o país da competitividade e da inserção internacional. A carga fiscal também inibe a poupança interna, extremamente necessária para lastrear os investimentos e diminuir a dependência de capital externo. Atualmente, tanto a poupança quanto os investimentos estão muito distantes dos patamares desejados para manter o Brasil na rota do crescimento acelerado. As taxas brasileiras estão muito aquém, por exemplo, das verificadas durante anos no Chile, Coréia e China. Isso, apesar da polpuda presença de investimentos diretos na economia nacional nos últimos dois anos. São tarefas quase tão grandes quanto o próprio país. Mas precisam ser realizadas com a mesma urgência que o Brasil tem de continuar crescendo.